A Educação E A Estreita Relação Entre O Homem E A Tecnologia: Uma Abordagem Baseada Em Álvaro Vieira Pinto E Antonio Gramsci

Vicente Estevam Sandeski[1]

Resumo

Este artigo tem como escopo compreender a estreita relação entre a educação, o homem e a tecnologia na obra de Álvaro Vieira Pinto, procurando aproximar as ideias deste autor com a teoria de Antonio Gramsci, os quais elaboram suas percepções sobre a emancipação humana, mediada pela relação trabalho e educação, numa perspectiva de formação integral. No que se refere à teoria de Álvaro Vieira Pinto, buscar-se-á compreender os conceitos de desenvolvimento e a questão da ideologia. Além disso, será necessário, para a aproximação dos dois autores, entender também alguns conceitos fundamentais da teoria gramsciana em torno da educação e a formação do homem omnilateral. Esta pesquisa também possibilitará divulgar um dos mais relevantes intelectuais brasileiros, ainda pouco conhecidos, tanto no âmbito acadêmico como fora dele. O artigo possui caráter bibliográfico, ou seja, é embasado em obras, livros, revistas, artigos científicos, etc. para que se possa enriquecer a discussão sobre temas e conceitos.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto. Gramsci. Desenvolvimento. Educação. Tecnologia.

Introdução

> "A ideia de que a ciência segue um curso de desenvolvimento independente, de que as aplicações tecnológicas nascem e se impõem sobre a sociedade com uma exigência férrea, é uma simplificação demasiadamente grosseira e com objetivos ideológicos" (MÉSZÁROS, 2004, p. 266).

Este artigo objetiva recuperar algumas contribuições teóricas e conceituais de Álvaro Vieira Pinto no que se refere diretamente à educação, como tecnologia, ideologia e desenvolvimento. Além

1 Vicente Estevam Sandeski, graduado em filosofia PUC-PR, especialização em didática aplicada à educação tecnológica CEFET- RJ, especialização em gestão pública MEC/IFPR, mestrado em educação UPF-RS, doutorando em educação UTP-PR, professor no IFPR.

disso, há como preocupação central compreender a estreita ligação entre a educação, o homem e a tecnologia na sua obra, procurando aproximar a sua teoria com a do político italiano Antonio Gramsci. Porém, cabe ressaltar que este artigo possui uma abordagem introdutória e bibliográfica,[2] visto a abrangência da obra dos dois autores. Assim, ainda que elementar esta abordagem, sobressai a sua provisoriedade.

Apresenta-se, primeiramente uma breve biografia de Álvaro Vieira Pinto, para situar o autor em seu contexto histórico, pois ele é a expressão da época em que viveu. E segundo a filosofia da práxis, que orienta esta pesquisa, parte-se da ideia de contradição e da compreensão da complexidade do mundo real. Nesse sentido, Gramsci, no Caderno 13, explica que a inovação essencial introduzida pela filosofia da práxis na ciência política a partir da história é:

> [...] a demonstração de que não existe uma "natureza humana" fixa e imutável (conceito que certamente deriva do pensamento religioso e da transcendência), mas que a natureza humana é o conjunto das relações sociais historicamente determinadas, ou seja, um fato histórico verificável, dentro de certos limites, com os métodos da filologia e da crítica. Portanto, a ciência política deve ser concebida em seu conteúdo concreto (GRAMSCI, 2011, p. 56).

Desse modo, a filosofia da práxis é a concepção historicista da realidade que se libertou de todo o resíduo de transcendência. E, nesse sentido, Álvaro Vieira Pinto é um homem de seu tempo, projeta e desenvolve um pensamento para um período histórico e é a partir desse pressuposto que deve ser compreendido. Como a ciência também é filha de seu tempo, algumas de suas reflexões e proposições podem ser anacrônicas se lidas fora de contexto.

Pelo fato de Álvaro Vieira Pinto[3] ser um intelectual atuante no contexto brasileiro, evidencia-se a necessidade de revisitá-lo

2 De acordo com Lakatos e Marconi (1991), a pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizaram sobre determinado assunto ou fenômeno.

3 Álvaro Vieira Pinto foi médico, matemático, físico, professor de Filosofia na Universidade Nacional e diretor executivo do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). O ISEB foi institucionalizado pelo Estado com a intenção de fortalecer o nacionalismo como ideologia oficial, através da elaboração de uma ideologia nacional de desenvolvimento para o país.

destacando a atualidade de seu pensamento e a grande contribuição de suas ideias, no diálogo e no entendimento de temas altamente complexos que abordou; além disso, é um autor com um arcabouço teórico original para repensar o homem e a técnica a partir dos países subdesenvolvidos, como também dito por ele, dos países periféricos. Desse modo, a finalidade deste artigo é repensar a educação e a estreita relação entre homem e tecnologia, bem como as semelhanças e diferenças entre sua teoria e o pensamento de Antonio Gramsci.

No entanto, em virtude da vasta obra desses dois autores, faz-se um recorte, correndo-se o risco da interpretação, ou seja, de estar restringindo ou mesmo delimitando as suas ideias centrais. Devido à ousadia da aproximação do pensamento desses dois autores, restringir-se-á a análise dos seguintes conceitos: educação, tecnologia e desenvolvimento.

Álvaro Vieira Pinto foi sempre muito autêntico nos seus posicionamentos[4], assumindo uma posição autônoma em relação às teorias que lia e reinterpretava, tanto que divergiu dos intelectuais e integrantes do ISEB[5], Instituto, do qual fazia parte.

O ISEB, enquanto instituto de pesquisa, tornou-se realidade durante o governo de Juscelino Kubistschek, que defendia uma política nacional desenvolvimentista. Dessa forma, nos anos de 1950 emergiram no cenário nacional as ideologias identificadas por Vieira Pinto[6]: nacional desenvolvimentista e nacional-popular Sobre

---

4 Seus posicionamentos convivem em meio a divergências e críticas, entre elas estão a de Celso Furtado, Guerreiro Ramos e posições dentro do ISEB.

5 Em 14 de julho de 1955, o presidente da República em exercício, João Café Filho, assinou o decreto de criação do Instituo Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB. No dia seguinte, 15 de julho o decreto foi publicado, no Diário Oficial da União (VALE, 2006, p. 17).

6 A Ideologia para Álvaro Vieira Pinto, expressa a dois momentos, de maneira geral e restrita. "Em sentido mais restrito, histórico, ou da comunidade, que se refere ao estado do indivíduo, ou da comunidade, que não retira de si mesma, de seus fundamentos objetivos, os motivos os determinantes (as matrizes) com que constitui sua consciência, e sim os recebe passivamente de fora, de outros indivíduos ou comunidade (para os quais são válidos) e se comporta de acordo com esses motivos e determinantes como se fossem seus. Neste sentido é que o indivíduo ou a comunidade perdem sua essência. O homem perde sua dignidade de ser livre, a sociedade perde suas características de autonomia, de capacidade criadora de si, material e culturalmente". (PINTO, 1982, p.52). Conforme a abordagem aqui apresentada a ideologia tem o sentido de "ideologia do desenvolvimento, em oposição à inautenticidade e alienação de historiadores, sociólogos e filósofos, sujeitos a ideias de fora. A ideologia era o aspecto social daquilo que no indivíduo, constituía a consciência de uma ideia, mas não bastava afirmar isso. A Ideologia do desenvolvimento, insistia Vieira Pinto mais incisivamente que os outros do grupo, tinha de ser fenômeno de massa, de residir na plena consciência das camadas populares". (VALE, 2006, p. 127). Segundo Caio Navarro de Toledo, Álvaro

a primeira ideologia, da qual era opositor, Caio Prado Júnior (1966) afirma o seguinte:

> Juscelino Kubitschek se apresentava com seu programa de desenvolvimento e metas que implicava claramente, e pode-se mesmo dizer expressamente, a promoção dos interesses do grande capital brasileiro e internacional. Particularmente deste último, pois é na base do apelo aos grandes trustes internacionais e estímulo às iniciativas deles no Brasil que, fundamentalmente, assentava o programa desenvolvimentista endossado pelo candidato (PRADO JÚNIOR, 1966, p. 26).

Ainda, segundo Caio Prado Júnior (1966), paralelamente a esta política de favorecimento imperialista, estava a promoção do grande capital nacional, seja por estímulos creditícios, seja pela inflação, que reduzia os salários reais e acrescentava com isso os lucros capitalistas. Entreguismo e inflação em escalas sem precedentes foram o essencial do governo Kubistschek, sem contar com as negociatas e oportunidades de bons negócios à custa do Estado, como em particular na construção de Brasília. Esse processo de desenvolvimento ocorreu devido ao acúmulo de capitais e ampliação do mercado interno e de transferências de recursos do setor agrário mercantil para o industrial que estava em ascensão.

Por sua vez, a ideologia nacional-popular procurava influenciar os grupos progressistas da sociedade com a finalidade de contestar a concepção nacional desenvolvimentista e realizar uma transformação social. Mas conforme assevera Caio Prado Júnior:

> Embora contando com condições altamente favoráveis para o desencadeamento do processo revolucionário, dada a maturidade das contradições presentes na conjuntura econômica e social brasileira, as esquerdas não somente permaneceram anos marcando passo –

Vieira Pinto desenvolveu uma concepção diferente de ideologia dos demais Isebianos, e segundo Antonio Marques do Vale, "Essa, a primeira dificuldade: os isebianos não provinham da mesma matriz teórica, não bebiam da mesma fonte de teorias e propostas políticas". (VALE, 2006, p. 12), portanto segundo Caio Navarro de Toledo, "o que distingue, porém, a posição de Vieira Pinto acerca dos critérios para a constituição da ideologia autêntica é a sua afirmação segundo a qual esta deve ser extraída da consciência das massas trabalhadoras, pois são estas "que impõe a exigência de desenvolver-se o país".

> uma vez que a estéril agitação na qual se meteram não se pode reputar progresso – mas ainda comprometeram e atrasaram consideravelmente a marcha daquele processo (PRADO JÚNIOR, 1966, p. 31).

Além disso, a esquerda também tinha ambiguidades de posicionamentos e diversidades ideológicas. No entanto, inserido nesse contexto de discussões sobre a questão do desenvolvimento, Álvaro Vieira Pinto difere das ideologias adotadas tanto por Caio Prado Júnior como por Juscelino Kusbistschek.

Na sua obra, Ideologia e Desenvolvimento Nacional, Vieira Pinto (1959) aduz que antes de se discutir o modelo de desenvolvimento nacional é necessário refletir sobre: que tipo de homem se deseja formar para promover o desenvolvimento do país? Mas, para compreendermos sobre isso, é necessário pontuar como o autor entendia o conceito de desenvolvimento e tecnologia.

Desenvolvimento e Tecnologia para Álvaro Vieira Pinto

Na sua obra *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*, publicado em 1956, Vieira Pinto, defendia a elaboração de um novo instrumento conceitual que permitisse ao Brasil desenvolver uma ideologia do desenvolvimento que superasse a consciência alienada, própria de um país colonizado, incapaz de possuir consciência autêntica, pois "ser objeto da consciência de outrem, é comportar-se como outrem" (PINTO, 1956, p. 25).

Assim, para o autor o desenvolvimento é um processo histórico, entendido na sua totalidade e nas suas correlações. Na verdade segundo ele, não existe um "pensamento puro", validado em si mesmo, visto que o pensamento está estruturado nas raízes históricas. Se o pensamento se produz no movimento histórico, retomamos CURY (1989, p. 43), para acentuar que as mediações abrem espaços para que as teorias se concretizem, tornando-se guias das ações. Nesse sentido, sem as mediações, as teorias tornam-se vazias e inertes, e, sem as teorias, as mediações tornam-se cegas ou caolhas.

Segundo Álvaro Vieira Pinto, o desenvolvimento se processa em várias fases ou teses, que o autor tece numa sequência para explicar que o desenvolvimento tem sua matriz na massa

imbricada na história: na primeira tese formulada, "sem ideologia do desenvolvimento não há desenvolvimento"; em decorrência dessa surge a segunda: "A ideologia do desenvolvimento tem necessariamente de ser fenômeno de massa"; assim como a terceira tese: "O processo de desenvolvimento é função da consciência das massas"; e com o intuito de compreender o desenvolvimento nacional elabora uma quarta e última tese: "A ideologia do desenvolvimento tem de proceder das massas". (PINTO, 1958, p.33)

A sua teoria do desenvolvimento está praticamente voltada para o fenômeno "massa", isto é para acontecer o "processo" desenvolvimento requer que as massas estejam imbricadas com o projeto que se deseja para o país, de maneira consciente e ciente das implicações de suas ações, e, para que isso aconteça e se desenvolva a compreensão do desenvolvimento nacional, "a ideologia do desenvolvimento tem de proceder das massas" (FREITAS, 2005, p. 6)

> A consciência crítica, assim como a apresenta Vieira Pinto, é sempre um patrimônio das massas. Enquanto atributo dos trabalhadores, essa consciência torna-se crítica quando passa a ter clareza de que "deve" mudar a realidade. A noção de "dever fazer", adquirível num processo educativo, consolida-se num movimento que reúne dedução e indução, ou seja, quem precisa mudar o mundo descobre o "porque" no momento em que descobre "como" transformar a realidade, que passa, então, a ser percebida como mutável. (FREITAS, 2005, p. 6)

Por conseguinte, o "processo de desenvolvimento" é implementado a partir da categoria de unidade, numa conjuntura ideológica e num processo histórico. A percepção de "unidade" aqui posto, refere-se a regressar à realidade numa ação de conhecer para proporcionar o desenvolvimento e construir uma nação "para si" congregando todas as classes, setores e locais do país. A percepção de que todo pensamento é ideológico emanando uma prática de poder, carecendo conhecer e entender os métodos de ação. E a percepção de "histórico", um processo de emancipação consolidado no tempo. A concepção de Álvaro Vieira Pinto, de desenvolvimento está estruturado nas ideias proveniente da categoria de unidade, de um todo orgânico, e se dá a partir de decisões tomadas

essencialmente pelo povo em função dos interesses nacionais (FREITAS, 2005, p. 19)

Estando encadeada, a ideologia do desenvolvimento, porém, deveria ocorrer com a participação de intelectuais que auxiliassem o pensar em um projeto de desenvolvimento "consubstancialmente com as massas" (PINTO, 1956, p. 33).

Dado que os promotores do desenvolvimento vêm a ser o povo, este só pode vir a ser a partir da tomada de consciência de classe; Álvaro Vieira Pinto aborda, na sequência, um ponto que pode ser subentendido como o processo educativo, desenvolvido a partir da questão: "como se promoverá o progresso da ideologia na consciência nacional, de que modo se difunde, por que meios é possível favorecer a difusão?"

> Ressalta que a ideologia do desenvolvimento não é doação feita às classes populares, para que cada um a absorva na medida de sua capacidade; ao contrário, é transmutação que se opera na intimidade do homem "em situação", e de que resulta a clarificação conceitual da representação que faz o seu status social e da evolução histórica. É processo imanente, mas admite aceleramento por influência exterior. Isto é que constitui a noção social de educação (PINTO, 1958, p. 44).

Identifica-se este momento como sendo inédito onde se ascende ao "limiar da consciência nacional". Este momento compreendido como processo, que exige novas atitudes e medidas, tornando-se indispensáveis de criar outros conceitos de educação, o autor diz que são novos estágios. "O que nos parece necessário, no entanto, é imprimir novos rumos a nossa educação, a fim de orientá-la, sem compromisso com qualquer credo político, no sentido da ideologia do desenvolvimento econômico e social" (PINTO, 1958, p. 49).

Em virtude dos novos arranjos de caráter e identidade nacional, o autor sinaliza[7] a necessidade de rever os processos educacionais, identificando o que é necessário, sem abandonar o que é aconselhável

7 Neste momento Álvaro Vieira Pinto diz não possuir condições de precisar qual seria a ideologia do desenvolvimento há, no entanto, a necessidade urgente de construí-la. Atribui ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB, a tarefa de elaboração estes estudos: "Nasce esta entidade com uma missão definida e um destino único. Compete-lhe centralizar a ação intelectual que, se conduzirá como julgamos e desejamos, vira favorecer a rápida transformação da consciência nacional" (PINTO, 1958, p. 52).

pela tradição, diz ele: "Uma teoria da educação deverá surgir, cuja tarefa inicial será a de definir que tipo de homem se deseja formar para promover o desenvolvimento do país", uma educação que possibilite ao homem novos conhecimentos e técnicas, que possibilite explorara a realidade do homem brasileiro, "uma educação como aspecto capital da teoria do desenvolvimento. Para o Brasil atual, a educação é a difusão dessa ideologia" (PINTO, 1958, p. 50).

Acentua, ainda, que somente estão credenciados para promover o desenvolvimento nacional aqueles que forem escolhidos pelas massas através do voto popular e para que este processo fosse acelerado seria importante o papel da educação (PINTO, 1956, p. 41). O desenvolvimento ocorreria, dessa forma, como um projeto participativo, consciente e democrático.

O desenvolvimento em contraposição ao subdesenvolvimento nutre em seu interior um ato perverso classificando um seleto grupo de países de ascenderem as graças dos meios e condições para serem classificados de desenvolvidos, enquanto os periféricos estariam condenados ad eternos na situação de subdesenvolvidos. Por sua vez os próprios termos "desenvolvidos e subdesenvolvidos" trazem uma matriz ideológica da existência de dois polos, equivocadamente legitimada pela linguagem expressa. (PINTO, 2005, p. 265).

Segundo Aguiar (2013), o subdesenvolvimento como se constitui numa contradição no curso da história, isto é, apresenta-se como polo de uma contradição da qual o outro polo é a nação hegemônica. No país subdesenvolvido, além das contradições fundamentais entre as classes sociais, o subdesenvolvimento, pelo seu estado geral na nação de um lado, e o comportamento imperialista das nações desenvolvidas com os quais se relaciona, do outro, pode levar, em determinados momentos, que a criação ideológica exprima as condições não apenas à base das classes sociais internas, mas também a base de nação espoliada versus nação espoliadora.

Quanto ao *Conceito de Tecnologia* (FREITAS, 2005, p. 22), o ponto central é a problematização do papel da tecnologia frente ao subdesenvolvimento, sobretudo em sua funcionalidade para manter relações de dominação do centro sobre a periferia. Nesta obra, suas principais fontes são Aristóteles, Georg W. F. Hegel, Karl Marx, Friedrich Engels, ao mesmo tempo, distanciando-se de Heidegger e Jacques Ellul.

Segundo Vieira Pinto (2005, p. 219-220) há quatro significados para o termo tecnologia: a) sentido etimológico: teoria ou estudo da técnica, modos de produzir alguma coisa; b) sentido popular da palavra, apenas como sinônimo da técnica; c) conjunto de todas as técnicas que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento; d) a ideologização da técnica. Condensadamente pode-se dizer que neste caso a palavra menciona a ideologia da técnica.

A confusão que ocorre com o conceito de "técnica" e "tecnologia" é uma porta aberta para a alienação cultural, dado que a confusão está presente na cabeça de pessoas "bem instruídas" e do Poder Público.

Vieira Pinto evidencia que há um lado perverso na importação e incorporação da tecnologia dos países desenvolvidos para os países subdesenvolvidos, com o intuito de acelerar o processo de atraso. Porém, ocorre o contrário, além de exaurir os recursos e a soberania, devido ao fato de ser importado passa a fazer parte do processo nacional.

> A tecnologia de origem externa serve de instrumento para a aceleração do desenvolvimento da nação retardada unicamente se for uma aquisição de livre escolha por parte de seu centro soberano de poder político, que objetiva os propósitos da autêntica consciência de si, a saber, a de suas massas trabalhadoras (PINTO, 2005, p. 257).

O primeiro fato que promove a demonstração de transformação é a autonomia de escolha, o discernimento da "tecnologia ideal", a percepção de que não é qualquer tecnologia que serve como também a "natureza" desta, é um dos fatos mais marcantes dos países subdesenvolvidos (PINTO, 2005, p. 257).

Ademais, Vieira Pinto (2005, p. 258) aborda como a tecnologia se torna instrumento de dominação em cada época, quase como um "fenômeno histórico", no contexto da relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento.

No processo de criação da consciência de si dos povos subjugados é possível distinguir dois momentos: o primeiro, aquele em que a passividade e o atraso das áreas marginais eram totais,

e o progresso das técnicas produtivas se faziam unicamente nos centros metropolitanos. O segundo momento do processo refere-se aquele do despertar da consciência de si nos povos periféricos. Começando a compreender os presságios contidos nesse fenômeno, o dominador percebe que a tecnologia, tão louvada enquanto lhe expressava exclusividade, torna-se agora a arma mais diretamente apontada para ele (PINTO, 2005, p. 263).

Dessa forma, estes dois instrumentos de dominação que foram apropriados pela tecnologia conduzem as nações detentoras das técnicas a uma categoria de potência hegemônica, e, segundo Pinto (2005) são duas noções falsas e que podem ser confundidas: primeira, a de que a tecnologia consubstanciada em um bem a ser adquirido pelo país atrasado, pagando caro por ele, se quiser progredir; segunda, a de que a tecnologia é produto exclusivo da região dominante, e só aí pode ter origem. Para desmascarar estes dois sofismas torna-se necessário mostrar que a tecnologia, ao contrário da insinuação paralisadora, corresponde a um patrimônio da humanidade.

Outra questão aprofundada em *O Conceito de Tecnologia* é a função ideológica da tecnologia em relação ao subdesenvolvimento. Segundo ele "condizente ao conceito de ideologia como história das ideias, toda tecnologia, como logos da técnica, transporta inevitavelmente um conteúdo ideológico" (PINTO, 2005, p. 320). Nessa perspectiva, Istiván Mészáros (2004, p. 459) afirma que: "a ideologia é, em geral, considerada o principal obstáculo da consciência para a autonomia e a emancipação".

Compreendendo o significado e o valor das ações humanas, sobretudo a relação entre o trabalhador ou o técnico, como fabricante, e o destino de seu produto (PINTO, 2005, p. 321), nosso autor aprofunda a relação entre subdesenvolvimento e ideologia no modo como ocorre a transferência de tecnologia. De acordo com Freitas (2005), mais do que o problema marxista das classes, a ênfase de Vieira Pinto recai sobre a relação centro/periferia. Porém, deve-se compreender o pensamento do autor em seu respectivo contexto histórico, ou seja, a situação de extrema tensão política que vivia a América Latina nos anos de 1960. Desse modo, ocorrem nesse contexto as discussões do ISEB, sobre um projeto de desenvolvimento autônomo para o Brasil e toda a sua população.

Na obra *O Conceito de Tecnologia* Vieira Pinto também se preocupa em desmascarar os ideólogos do *status quo* denunciando a naturalização da dependência de tecnologia, como se à periferia fosse impossível avançar em sua posição frente ao centro, ocorrendo assim, o que Vieira Pinto chama de "anestesiamento associado" (PINTO, 2005, p. 682-683):

> [...] os ideólogos do mundo alto convencem as populações atrasadas da prática inviabilidade de saírem por si mesmas da miserável condição onde vegetam. Chamamos a isso o falso e interesseiro emprego do conceito de tecnologia, [...], destinado a adormecer a consciência da nação dependente exercendo uma influencia entorpecente (PINTO, 2005, p. 683).

Dessa forma, cria-se a ideia de que a inferioridade da periferia é a ela imanente e insuperável. Com isto, passa-se a pensar que a tecnologia é um produto exclusivo da nação dominante, que transfere conhecimentos parciais e superados, mantendo as bases de sua dominação.

Outra questão importante para descrever a função de dominação exercida pelo discurso em torno da tecnologia é o da colonização do futuro. Conforme Vieira Pinto (2005, p. 684), o discurso elaborado pelos ideólogos dominantes consiste em projetar no futuro o conceito atual de tecnologia por eles admitido. Assim, se atestaria a perpetuação da superioridade do centro sobre a periferia. A consequência desta colonização é a redução do problema das desigualdades sociais.

Educação e Trabalho: A formação do homem

Álvaro Vieira Pinto toma, da tradição hegeliana e marxista, o eixo epistemológico, de análise histórico-dialética. Para o autor a dialética define a máquina na perspectiva da sua gênese, no processo histórico da sociedade que estimula a criação do engenho porque suscita no pensamento humano a possibilidade de utilizá-lo para resolver uma contradição com a natureza (PINTO, 2005, p. 120).

Dessa forma, o princípio que propulsiona a história, seria uma dialética fundamental entre o homem e a natureza, mediada pela

técnica. Mediante a corporalidade humana frágil e dependente, não basta reproduzir-se tal como os animais, mas torna-se necessário produzir as próprias condições de existência (PINTO, 2005, p. 154).

O homem precisa produzir sua vida por meio do trabalho. Para Álvaro Vieira Pinto o trabalho não é apenas atividade exercida exteriormente pelo homem, mas fator constitutivo da sua natureza, no sentido de que é por intermédio dele que se realiza a humanização progressiva do homem.

> [...] ao falar do trabalho, estamos significando a prática social em sentido amplo, entendendo como tal tanto a ação modificadora direta sobre a natureza material [...] quanto às ações transfiguradoras que alguns homens exercem no sistema das relações sociais, pela produção das ideias, pela atuação administrativa, pelos cuidados com a segurança coletiva, as quais, sem serem propriamente produtoras de objetos, são, contudo, formas de operação sobre a realidade, no plano social (PINTO, 1960, p. 60).

Nesse sentido, o homem trabalha, e quanto mais elaborada é a sua capacidade de trabalhar, mais humanizado ele se torna. Além disso, nessa discussão acerca do trabalho realizada por Vieira Pinto, aparece como central a transmutação do conceito de "amanualidade", advindo da filosofia da existência:

> Viram os teóricos daquela corrente que o mundo se apresenta ao existente humano como espaço de ações possíveis mediante objetos dispostos ao seu redor, a serem tomados como utensílios, e que, portanto, a determinação mais imediata dos entes é a de se darem como algo que "está à mão", caráter esse que foi chamado de "amanualidade". Com efeito, a objetividade se faz acessível ao homem mediante a amanualidade com que se apresentam a nós os entes circunstantes preexistentes à ação (PINTO, 1960, p. 69).

Na visão de Vieira Pinto esta conceituação era importante, porém, insuficiente, pois os objetos que nos cercam são fabricados

e possuem uma historicidade e fazem parte de uma determinada cultura. "A revelação do mundo, pelo amanual das coisas se faz trazendo sempre o caráter histórico da manufatura e se refere às forças de produção, às relações de produção e ao grau de avanço intelectual existente" (PINTO, 1960, p.71).

Assim, a técnica precisa ser compreendida em um "contexto social, a um dado regime de produção e em determinado momento histórico", pois "só em função do estado global de uma sociedade é que certo conjunto de atos e procedimentos aparece como técnico" (PINTO, 1960, p. 78). Esta historicidade estaria presente, por exemplo, na crescente aceitação como cultura dos novos modos de saber presentes nos conhecimentos técnicos, por uma sociedade brasileira, historicamente refratária aos trabalhos manuais.

Esta visão é condizente com a própria conceituação de cultura de Vieira Pinto, ou seja, "cultura não é a acumulação e armazenamento do saber, de qualquer espécie, mas a assimilação dele segundo uma perspectiva que é consciente dos fundamentos e exigências a partir dos quais incorporou os produtos do conhecimento de uma época anterior e o que pensa como saber atual" (Pinto, 1960, p. 118).

Em outro momento de sua obra, "Consciência e Realidade Nacional", ele afirma que cultura "é estilo de existência, que envolve toda produção material e intelectual do povo, e que, portanto, exprime o modo de ser dele, quando determinado pela sua autoconsciência (PINTO apud ROUX, 1990, p.195). Desta forma, a construção de uma nova consciência nacional seria concomitante a uma transformação qualitativa na cultura e nos processos técnicos, para as quais colaboraria uma nova educação que preparasse o educando para um "novo modo de pensar e de sentir a existência, em face das condições nacionais em que se defronta", baseado na noção de que o saber deve estar voltado para o esforço de transformação coletiva da realidade (PINTO, 1960, p. 121).

Portanto, Vieira Pinto não separava o processo do desenvolvimento nacional separadamente do processo educacional, mas este a acompanha simultaneamente. A questão educacional em Álvaro Vieira Pinto é concebida como totalidade, objetividade, concreticidade e historicidade, visando à autonomia tanto da nação em ralação aos países centrais, quanto à consciência dos indivíduos que lutam por essa possibilidade. Nesse sentido, ele acentua que:

> Educar para o desenvolvimento é despertar no educando novo modo de pensar e de sentir a existência, em face das condições nacionais com que se defronta; é dar-lhe a consciência de sua constante relação a um país que precisa do seu trabalho pessoal para modificar o estado de atraso; é fazê-lo receber tudo quanto lhe é ensinado por um novo ângulo de percepção, o de que todo o seu saber deve contribuir para o empenho coletivo de transformação da realidade (PINTO, 1960, p. 121).

A noção de educação para Vieira Pinto passa pela concepção de homem que se deseja formar. Pois, é na relação social, cultural, econômica, política e religiosa, situada na realidade histórica de cada indivíduo que se processa o desenvolvimento das fases do saber. Essa forma de ver a educação é um contraponto à noção de educação proposto pela elite (PINTO, 1993, p. 36).

E para que haja a superação do caráter elitista da educação é necessário que a noção de educação passe pela consciência das tarefas que a realidade suscita, assim como considere a luta de classes.

Para Vieira Pinto (1993) a cultura é a assimilação do saber numa perspectiva consciente dos seus fundamentos e exigências a partir dos quais incorpora os produtos do conhecimento de uma determinada época. Para que aumentem as possibilidades individuais e universais de educação é necessário que mude o ponto de vista dominante sobre o valor do homem na sociedade, o que ocorrerá pela mudança de valorização atribuída ao trabalho.

Nesse sentido, Freitas (2006) aduz que Vieira Pinto empreende uma operação conceitual muito assemelhada ao método de Lukács, o que lhe permite afirmar que estudar o trabalho e a tecnologia corresponde a investigar a cultura daqueles que têm acesso imediato à realidade.

Ademais, Freitas (1998, p. 30-31) assevera que, se Vieira Pinto cede por um lado ao "fascínio cepalino", algo mecanicista, de um grande encantamento com a tecnologia e com o poder evolutivo contido na sua propagação, por outro opera uma transmutação neste encantamento ao propor a simultânea e igualitária importância de fatores interligados - cultura e processos técnicos - na construção de uma nova consciência crítica nacional. Esta estratégia permite

a Vieira Pinto exaltar o papel da cultura popular no processo de transformação social, e exaltar também o *locus* original de sua constituição, ou seja, o mundo do trabalho.

Esta característica, conforme Freitas (1998) o levaria a ser reconhecido como "teórico do caráter emancipatório contido na cultura popular". O destacado papel concedido à educação por sua vez, contribuiria para a elaboração dos elementos teóricos cruciais para seus futuros combates por uma educação não elitista, onde a teoria e a prática seriam integradas, do modo como ele as concebia. Uma educação emancipadora, imprescindível para a formação humana de caráter omnilateral e para a luta de classes. A educação omnilateral, de acordo com Mészáros (1981, p. 181), abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois eles não são simplesmente dados pela natureza. O que é especificamente humano, neles, é a criação deles pelo próprio homem. A Educação omnilateral significa, desse modo, a concepção de educação que leva em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico.

A educação integral forma o homem omnilateral tendo como base todas as dimensões da vida no processo produtivo. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura. No entanto, o trabalho nesse caso não é emprego como se configura na sociedade capitalista, mas é o trabalho como realização humana.

Álvaro Vieira Pinto e Antonio Gramsci: Educação como forma de Emancipação

A educação se põe, tanto para Vieira Pinto quanto para Gramsci, como possibilidade concreta de elevação cultural e formação política dos trabalhadores. A organização política dos trabalhadores implica uma nova concepção de educação voltada para seus interesses de classe, contrariando assim, o modelo educacional das elites, que visavam manter a desigualdade social e o atraso econômico.

A proposta dos dois autores segue à contramão das propostas elitistas de educação. As suas concepções de educação são relacionadas com o desenvolvimento econômico, político, social e cultural da sociedade, apontadas sempre para um processo de emancipação frente às desigualdades.

No entanto, os caminhos seguidos, tendo em vista esse objetivo, foram diferentes e tais diferenças devem ser tributadas ao fato de que fizeram suas contribuições em momentos históricos diferentes e com pressupostos teóricos diversos.

Gramsci pensou a realidade italiana do início século XX, momento de grandes motivações revolucionárias, concentrando sua análise na crítica ao idealismo e ao positivismo que revisavam o marxismo; sem considerar que os problemas humanos poderiam ser resolvidos pela ciência e tecnologia, nem tão pouco pelo condicionamento da vida intelectual e cultural com relação aos condicionamentos econômicos e políticos, evidenciou os elos ideológicos da política e a importância da cultura para a emancipação dos trabalhadores. Considerava que o vínculo entre organização do trabalho e organização da cultura representava a nova preparação técnica e profissional necessária para controlar e dirigir o desenvolvimento industrial e também a nova sociedade que se desenvolvia, criando assim, uma "nova cultura". Seu referencial teórico e sua prática política foram marcados pela luta em torno da emancipação do homem.

Apesar de situar-se em um contexto histórico diferente, Álvaro Vieira Pinto tem uma similaridade quanto ao envolvimento com um projeto voltado para dissipar as amarras do atraso intelectual das classes populares no Brasil. Durante os anos de 1955 a 1964, no qual juntamente com outros intelectuais brasileiros[8], ele pensava um projeto de nação de desenvolvimento, em prol dos cidadãos brasileiros, momento esse de estadia no ISEB[9].

Álvaro Vieira Pinto considerava a educação das massas fundamental para o desenvolvimento da nação e para superar as condições de subdesenvolvimento e de atraso em relação aos países do centro. As nações mais desenvolvidas tecnologicamente acreditam apresentarem as condições de desenvolvimento e estarem neste patamar histórico sem riscos de declínio, sendo somente a elas "reservadas" a condição de acesso ao conhecimento de ponta

8 Tais como Helio Jaguaribe, Nelson Wernek, Celso Furtado, Florestan Fernandes, entre outros.

9 ISEB- Instituto Superior de Estudos Brasileiros, fundado em 1956 e fechado em 1964, por causa do regime militar. Apesar de inevitáveis diferenças individuais, o pensamento do ISEB caracterizava-se, como indicou Luiz Carlos Bresser-Pereira, por "uma interpretação original e poderosa do desenvolvimento brasileiro fundada nos conceitos de revolução capitalista e, principalmente, de revolução nacional" (BRESSER-PEREIRA, 2004, p. 49).

por serem a "mais ricas e cultas". Dessa forma, "a tecnologia é uma ideologia, mas nada tem de contemplativa, não corresponde ao produto imaginário de um pensamento desligado da realidade, e sim enraíza a sua verdade na prática da existência de quem a concebe" (PINTO, 2005, p. 322).

Ao perceber a tecnologia como uma ideologia Álvaro Vieira Pinto aproxima-se muito de Antonio Gramsci, pois essa naturalização da dependência, como se à periferia fosse impossível avançar em sua posição frente ao centro, como se houvesse uma espécie de "anestesiamento", é construída por meio de um discurso ideológico, que defende interesses dominantes. Assim, alguns dos paralelos entre os dois autores podem ser visualizados, principalmente no que tange ao problema da ideologia e ao tema da educação.

Além disso, Vieira Pinto afirma que "a compreensão da tecnologia só pode ser verídica quando se funda sobre a noção da história constitutiva do homem e, consequentemente, do trabalho" (PINTO, 2005, p. 243). Nesse sentido o trabalho, assim como para Gramsci, é o princípio educativo. Em sua obra Sete Lições sobre Educação de Adultos Vieira Pinto (1993) assegura o seguinte: "A educação é uma modalidade de trabalho social. Para compreendê-la é necessário utilizar as categorias histórico-antropológicas dialéticas, que definem o conceito de "trabalho".

O fundo social se caracteriza pelo fato de a educação tratar de formar os membros da comunidade para o desempenho de uma função de trabalho no âmbito da atividade total; o educador é um trabalhador (reconhecido como tal); e no caso especial da educação de adultos, dirige-se a outro trabalhador, a quem tenciona transmitir conhecimentos que lhe permitam elevar-se em sua condição de trabalhador.

A atividade educativa é histórica não porque se executa no tempo, mas porque é um processo de formação do homem para o novo da cultura, do trabalho, de sua autoconsciência. "Na verdade, o que se tem de dar às massas trabalhadoras não é o resultado da tecnologia, mas a própria tecnologia. Esta deve pertencer-lhes porque significa o conhecimento e a consciência do trabalho que fornecem" (PINTO, 2005, p. 335). Isto quer dizer que a educação como acontecimento humano é histórica não somente porque cada homem é educado em um determinado momento do tempo histórico geral, aquele em que lhe cabe viver, mas porque o processo

de sua educação, compreendido como o desenvolvimento de sua existência, é sua própria história pessoal inserida no conjunto da história social. O que os distingue é que Antonio Gramsci tinha como pano de fundo um projeto revolucionário, o que não se encontra na reflexão de Álvaro Vieira Pinto.

Outra questão relevante em Álvaro Vieira Pinto assim como Gramsci é a critica à educação elitista, que separa a técnica da teoria, os dirigentes dos dirigidos.

> A criação de institutos de formação técnica, tal como vem sendo feita, não modifica em nada o panorama, mesmo se tais organizações fossem imensamente mais numerosas do que em verdade são, porque o essencial da questão não consiste em simplesmente dar ao povo a oportunidade da instrução numa tecnologia relativamente avançada, mas em levá-lo a condições de percepção da sua realidade que criem nela a exigência dessa educação [...] A pedagogia do planejamento alienado sabe haver necessidade de informar o operário, mas de modo a dar-lhe conhecimento que o manterão sempre no estado de parte receptora, esquecendo ser o trabalhador a única fonte autêntica, por direito de existência, das criações lógicas que se irão manifestar, quando compreendidas em níveis superiores, no estado de ciência da realidade, conduzindo às correspondentes aplicações técnicas possíveis (PINTO, 2005, p. 336).

Tanto para Gramsci como para Vieira Pinto a educação deve aliar a teoria e a prática. Segundo Álvaro Vieira Pinto para o país subdesenvolvido, a única fonte de energia capaz de prover a transformação de seu estado localiza-se no trabalho das massas. É preciso que este dê origem rapidamente a outras fontes de energia, a principal das quais será a consciência diretriz da sociedade. A condição para que se opere essa transformação reside na conversão do trabalho alienado em trabalho "para si" (PINTO, 2005, p. 338). Desse modo, a ausência da teoria na prática compromete a possibilidade da práxis e, portanto, de sua força transformadora.

Considerações Finais

Após pontuarmos brevemente sobre o pensamento de Álvaro Vieira Pinto e de Antonio Gramsci pode-se perceber que ambos, em seus respectivos momentos históricos, conceberam um projeto de educação para as massas, desvinculando-as da educação das elites.

Os dois autores pensaram a educação no contexto do materialismo histórico, a partir da negação da educação burguesa, em defesa de uma educação democrática universal, igual para todos, que liberta e transforma, levando os sujeitos da classe oprimida a atuar politicamente na sociedade como sujeito transformador.

Gramsci afirma que o marxismo é a referência filosófica dessa luta cultural para se formar uma nova "vontade coletiva", fundada na igualdade. O princípio moral dessa reforma cultural é o trabalho, vinculado a uma formação integral. Para ele, o princípio unitário refere-se ao estabelecimento de novas relações entre o trabalho intelectual e o trabalho industrial (SOARES, 2000, p. 411).

Para Vieira Pinto o trabalho também é o elemento de mediação entre o homem e a natureza. O centro de todo conhecimento é o homem, o homem é a base do processo do conhecimento. A máquina não constrói o homem, tudo passa pelo homem. Uma máquina é o resultado do acúmulo de conhecimento. Nesse sentido, é importante o conhecimento histórico do que os homens produziram e como produziram.

Desse modo, Gramsci e Álvaro Vieira Pinto preconizaram uma educação voltada para a classe trabalhadora, buscando a unidade entre educação e produção material, tendo em sua essência a unidade de teoria e prática, cujo caráter é de totalidade ou *omnilateralidade* do homem, não limitado apenas ao trabalho manual ao apenas ao trabalho intelectual, mas sim, uma educação que possibilite o ser humano se desenvolver em todas as suas potencialidades, em todas as suas dimensões, um indivíduo crítico, criativo e não alienado, independente das ocupações de específicas um posto de trabalho.

Cabe acentuar que este artigo se trata de uma abordagem a ser aprofundada vista a abrangência e complexidade das obras em questão. Os recortes são opções necessárias, mas arriscadas, porque podem restringir ou desvirtuar a leitura.

Abstract

This article has as objective to understand the close link between education, man and technology in Álvaro Vieira Pinto's work, trying to bring the author's ideas together with Antonio Gramsci's theory, who both elaborate perceptions about human emancipation, mediated by the work and education relation in a complete rank perspective, situating the similarities and differences between them. Additionally, regarding Álvaro Vieira Pinto's theory, it will be necessary to understand the development concepts and the ideology issue. Besides that, it will be essential for the approach of the two authors to understand some fundamental concepts about the Gramscian theory around education, and also the establishment of the omnilateral man. This study will also allow disseminating one of the most important Brazilian intellectuals, still not well-known both in the academic and not academic environment. The article has bibliographical character, i.e., it is grounded in writings, books, magazines, scientific articles, etc. so that we can enrich the discussion on themes and concepts.

Keywords: Álvaro Vieira Pinto. Gramsci. Development. Education. Technology.

Resumen

Este artículo es espiado para entender la estrecha relación entre la educación, el hombre y la tecnología en la obra de Álvaro Vieira Pinto, buscando más cercano a las ideas de este autor con la teoría de Gramsci, que elaboren sus percepciones acerca de emancipación humana, mediada por la trabajo de relación y la educación, con miras a la formación integral. Colocar las aproximaciones y distancias entre ellos. Además, en cuanto a la teoría de Álvaro Vieira Pinto, busca entender los conceptos de desarrollo y la cuestión de la ideología. Además, será necesario, para el acercamiento de los dos autores, entender algunos conceptos fundamentales de la teoría gramsciana alrededor de la educación, así como la formación del hombre omnilateral. Esta investigación también a conocer uno de los más importantes intelectuales brasileños, aún poco conocida, tanto en el mundo académico como fuera. El artículo tiene carácter bibliográfico, es decir, que está en tierra en las obras, libros, revistas, artículos científicos, etc. con el fin de enriquecer la discusión sobre temas y conceptos.

Palabras Clave: Álvaro Vieira Pinto. Gramsci. Desarrollo. Educación. Tecnología.

Referências

AGUIAR, M. Geraldo. *Tecnociência e as anotações sobre*: "Conceito de tecnologia" de Álvaro Vieira Pinto. Disponível em http://www.slideshare.net/twaguiar/tecnociencia-tecnologia? from=ss_embed, 2013.

BUCI-GLUCKMANN, Christinne. *Gramsci e o Estado*. RJ: Paz e Terra, 1980.

CARNOY, MARTIN. *Estado e Teoria Política*. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CURY, C. R. J. *Ideologia e educação brasileira*. Autores associados. São Paulo. 1983

FREITAS, Marcos Cezar de. *Economia e Educação*: a contribuição de Álvaro Vieira Pinto para o estudo histórico da tecnologia. Revista Brasileira de Educação. Vol. 11, n° 31, jan/abr. 2006.

_____. *Álvaro Vieira Pinto*. A personagem histórica e sua trama. SP: Cortez, 1998.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. RJ: Civilização Brasileira, 1978.

_____. Caderno 12 (1932): Apontamentos e notas dispersas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. In: GRAMSCI, A. *Cadernos do Cárcere*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. Cadernos do Cárcere. *Maquiavel Notas sobre o Estado e a Política*. Vol. 3. Trad. Carlos Nelson Coutinho. RJ: Civilização Brasileira, 2011.

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia Científica*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MÉSZÁROS, I. *Marx:* A Teoria da Alienação. RJ: Zahar, 1981.

_____. *O poder da ideologia*. (trad. Paolo Cezar Castanheira). São Paulo: Boitempo, 2004.

MONASTA, Attilio. *Antonio Gramsci.* Trad. Paolo Nosella. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora: Massangana, 2010.

PINTO, Álvaro Vieira. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. Rio de Janeiro, RJ: MEC/ISEB, 1958.

_____. *Consciência e realidade nacional* – consciência ingênua. Vol. 1. RJ: MEC/ISEB, 1960.

_____. *Sete lições sobre educação de adultos*. 8ª ed. SP: Cortez, 1982.

_____. *O Conceito de Tecnologia*. Vol. I e II. RJ: Contraponto, 2005.

PRADO JÚNIOR, Caio. *A Revolução Brasileira*. SP: Brasiliense, 1966.

ROUX, Jorge. *Álvaro Vieira Pinto:* Nacionalismo e Terceiro Mundo. SP: Cortez, 1990.

SOARES, R. D. *A Concepção Gramsciana de Estado e o Debate sobre a Escola*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

_____. *Gramsci, o Estado e a Escola*. Ijuí: Unijuí, 2000.

SCHLESENER, Anita Helena. *Revolução e Cultura em Gramsci*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

_____. *A Escola de Leonardo*: Política e Educação nos escritos de Gramsci. Brasília: Liber Livro, 2009.

VALE, Antonio Marques. *O IDEB, os intelectuais e a diferença* – Um diálogo teimoso na educação. Editora Uniesp, São Paulo, 2006

Aprovado em outubro de 2014
Publicado em março de 2015